

Narrativas da Segunda Guerra Mundial e a Guerra de Resistência da China contra a Agressão Japonesa sob uma Perspectiva Global - Entrevista com Francisco Ferraz (Universidade Estadual de Londrina): “Enfocando e Aprofundando Áreas Negligenciadas”¹

Entrevistadores: Zhang Shiwei; Yuan Qi; Zhi Min

(School of History of Wuhan University)

Recentemente, foi realizado com sucesso na Universidade de Wuhan, China, um simpósio acadêmico internacional em comemoração ao 80º aniversário da vitória na Segunda Guerra Mundial e na Guerra de

¹ Versão traduzida e estendida de entrevista a estudantes de pós-graduação em História da Wuhan University, em julho de 2025, sob direção do Prof. Zhang Shiwei. Publicada originalmente em Chinês, sob o título: 全球视野下的二战叙事与中国抗战 | 弗朗西斯科·费雷斯: 聚焦并深耕那些被忽视的领域 袁琪、智敏/采访 (World War II Narratives and China's War of Resistance Against Japanese Aggression in a Global Perspective | Francisco Ferraz: Focusing on and Deepening Neglected Areas - Interview). Shanghai, China: The Paper - Digital Newspaper - Shanghai United Media Group, 2025, publicado em 24 de agosto de 2025 (Entrevista publicada em Jornal Digital). https://www.thepaper.cn/newsDetail_forward_31450007

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

Resistência do Povo Chinês contra a Agressão Japonesa. Durante o simpósio, especialistas e estudiosos da China e do exterior compartilharam ativamente resultados de pesquisas de ponta relacionadas à Segunda Guerra Mundial, buscando romper com o persistente “ocidentalismo” e tentando reescrever a narrativa da guerra sob uma perspectiva global, apresentando vozes históricas que antes haviam sido ofuscadas e ignoradas.

Aproveitando a ocasião do simpósio, a seção *História Privada*, do jornal *The Paper*,² em colaboração com o Instituto de História da Segunda Guerra Mundial da Universidade de Wuhan, entrevistou vários estudiosos internacionais presentes para discutir suas pesquisas sobre a Segunda Guerra Mundial e suas perspectivas sobre a Guerra de Resistência do Povo Chinês contra a Agressão Japonesa.

O convidado desta entrevista é Francisco César Alves Ferraz, Professor de História da Universidade Estadual de Londrina, Brasil.

² Jornal diário online, sediado em Shanghai. <https://www.thepaper.cn/>

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

Quando você começou a estudar a história da Segunda Guerra Mundial?

Qual foi o motivo?

Francisco César Alves Ferraz: Sou brasileiro, mas não sou das forças armadas e não tenho parentes militares ou ex-combatentes. Mas sempre me interessei pelos jovens brasileiros que lutaram na Segunda Guerra Mundial, na Campanha da Itália. Me direcionei primeiramente para entender a instituição militar. Eu nasci no dia do golpe militar no Brasil, 31 de março de 1964, e por isso me interessei pelas forças armadas. Prestei serviço militar quando tinha 19 anos e me interessei ainda mais.

Então, comecei estudando as forças armadas na política brasileira no meu mestrado. Já na minha tese de doutorado questioneei o que aconteceu com as pessoas comuns – gente como eu – que naquele momento da história foram convocadas, vestiram uniformes, foram treinadas e lutaram contra as forças alemãs na Segunda Guerra. O que aconteceu quando esses rapazes voltaram para o Brasil? Eles conseguiram bons empregos e uma recepção calorosa? O resultado da minha pesquisa mostrou que

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

inicialmente houve festas e comemorações, mas quando tentaram reconstruir suas vidas, enfrentaram muitos problemas. Foi por isso que me interessei cada vez mais pela Segunda Guerra Mundial e, depois do doutorado, continuei com outras pesquisas e livros sobre o Brasil e sobre a Segunda Guerra em geral.

Você poderia descrever brevemente suas experiências passadas e atuais na pesquisa sobre a Segunda Guerra Mundial?

Francisco César Alves Ferraz: Minhas pesquisas sobre a Segunda Guerra Mundial estão em desenvolvimento. Considero ser um campo muito promissor, pois não estudamos mais apenas os movimentos militares ou as batalhas, mas a guerra como ela realmente foi, em toda sua complexidade. A Segunda Guerra Mundial foi, como nenhuma antes ou depois, uma guerra total: todas as energias da sociedade foram mobilizadas para a guerra. Civis, militares, tudo. Todos os recursos da sociedade foram utilizados; cada sociedade os usou para a guerra, mesmo em países que não enviaram pessoas para a frente. Foi uma guerra total e interdependente: a frente onde

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

os soldados combatem depende da produção doméstica de munições, armas, tudo o que permite aos soldados lutarem, e depende dos sucessos de outras tropas. Os resultados de tal combate interferem em outros combates. Por exemplo, quando as forças japonesas lutaram contra o exército soviético perto da fronteira da China com a Mongólia, e sofreram derrota, esse revés compeliu o exército e a marinha japoneses a adotar a "marcha para o sul" como sua próxima direção estratégica para a guerra. Portanto, essa interdependência, esse caráter total da guerra, torna o conflito global. Esse caráter global pode ser resumido em três pontos: Primeiro, quase todos os principais processos globais foram realizados por meio da guerra total. Segundo, as relações interdependentes foram formadas em quase todos os domínios. Terceiro, o alcance real da guerra havia se estendido para cobrir o mundo inteiro, tornando-a um conflito verdadeiramente global.

O Brasil valoriza o estudo da história da Segunda Guerra Mundial?

Francisco César Alves Ferraz: No meu país, temos desenvolvido

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

recentemente estudos mais numerosos e de melhor qualidade sobre a Segunda Guerra Mundial. Recentemente, realizei um levantamento de do que foi publicado especificamente sobre a participação brasileira, de 1945 até hoje. Encontrei 2.676 publicações – escritas por 1.373 autores diferentes. Nada mal para um evento histórico caracterizado pela participação de apenas 25 mil soldados brasileiros e algumas bases aéreas no Nordeste.

Isso me surpreendeu: nós, historiadores brasileiros, costumávamos dizer que a guerra havia sido “esquecida” no Brasil. Nas décadas seguintes ao fim do conflito, a quantidade de publicações era, de fato, relativamente baixa. Mas, no final do século 20, o número de publicações cresceu significativamente. Tivemos uma mudança nessa curva: era muito baixa até 1995, depois houve um aumento acentuado, e após 2000, um verdadeiro *boom* de publicações se tornou evidente.

O tema da Segunda Guerra Mundial passou a interessar uma nova geração de jovens pesquisadores, em geral não marcada pela era da ditadura militar e seus ressentimentos. A concentração de publicações nas regiões Sudeste e Sul diminuiu, dando lugar a autores e editoras de todo o

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

país. Assim, todas as regiões passaram a ter suas próprias histórias de participação na guerra e seus impactos.

Isso também representa uma conquista de gênero: hoje, mais mulheres ingressam nesse campo do que no passado; a Segunda Guerra Mundial deixou de ser uma fortaleza exclusivamente masculina. Os temas também se ampliaram para além das batalhas, abrangendo cultura, sociedade, diplomacia, economia, minorias nacionais, gênero, pós-guerra, estudos da memória, entre outros. Esse levantamento será publicado nos próximos meses.

Quais obras são consideradas as mais significativas no mundo acadêmico ocidental?

Francisco César Alves Ferraz: De fato, temos algumas obras clássicas sobre a Segunda Guerra Mundial. Posso mencionar dois livros recentemente publicados, que são muito promissores em sua metodologia e buscam compreender a Segunda Guerra Mundial da forma mais global possível, sob uma perspectiva complexa e abrangente. Um deles é o livro de Andrew

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

Buchanan, *World War II in Global Perspective* (*A Segunda Guerra Mundial sob uma Perspectiva Global*, ainda não publicado no Brasil). O outro é o de Richard Overy, *Blood and Ruins* (*Sangue e Ruínas: a Grande Guerra Imperial, 1931-1945*, publicado este ano pela Companhia das Letras).

Ambos os autores tentam entender a Segunda Guerra não apenas nos locais onde ocorreram os principais conflitos, mas de forma global – e, o que é mais importante, em um período ampliado. Por isso, ambos iniciam a guerra em 1931 (quando o Japão invadiu e ocupou o nordeste da China), observando os desdobramentos, e acompanhando seu fim não em 1945, mas na Guerra da Coreia, pois tratava-se de uma guerra longa, com relações complexas entre vários conflitos regionais e guerras imperiais anteriores.

Ambos rejeitam uma visão eurocêntrica ou puramente militar da guerra, destacando as conexões globais e os impactos sobre colônias e sobre civis. Eles associam o conflito ao declínio dos impérios coloniais e ao surgimento de uma nova ordem mundial.

A maior diferença entre os dois livros está na perspectiva adotada:

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

Andrew Buchanan foca mais na ascensão dos Estados Unidos, percebendo-o como o eixo da nova ordem global – mas, diferentemente dos impérios tradicionais (como o britânico e o francês), os EUA não expandem seu poder controlando diretamente a soberania de outros países, e sim estabelecendo hegemonia por outros meios. Trata-se de um tipo de “novo modelo imperial”. Já Richard Overy dedica-se mais ao declínio dos impérios tradicionais – os velhos impérios então em decadência.

Qual perspectiva de pesquisa o senhor pessoalmente prefere, e por quê?

Francisco César Alves Ferraz: Ambos rejeitam visões eurocêntricas da guerra e vão além dos aspectos exclusivamente militares do conflito, enfatizando a interdependência entre a linha de frente e a retaguarda, bem como a economia e a política. Eles traçam conexões entre os teatros de guerra (Europa, Ásia e África) e outras regiões afetadas de formas diferentes, como a América do Sul e Central, a África Subsaariana e o Oriente Médio. E, por fim, abordam os impactos desse longo conflito nas colônias e nas populações civis.

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

Também aprecio ambos os autores quando tratam de temas controversos, como a relação entre os genocídios e a guerra em si. Acredito que, na Segunda Guerra Mundial, essa questão não pode ser tratada como um mero “efeito colateral”, mas deve ser vista como parte intrínseca do conflito. Tanto Overy quanto Buchanan apresentam os genocídios como elementos integrantes da guerra, embora Overy torne essa conexão mais explícita. Isso diferencia suas obras da maioria das histórias gerais da Segunda Guerra, que em geral tratam o genocídio como um tema secundário ou paralelo. Quando abordado, costuma-se focar quase exclusivamente no extermínio dos judeus na Europa – o que é um erro por dois motivos. Primeiro, porque a Segunda Guerra teve uma dimensão racial que não pode ser ignorada. Para as potências do Eixo, o genocídio era frequentemente política de Estado e um dos objetivos da guerra. Não se tratava simplesmente de má conduta de soldados ou comandantes, mas fazia parte da própria natureza do conflito: em certos momentos, o objetivo ia além da vitória militar e chegava à aniquilação ou, no mínimo, à dominação bárbara de populações civis.

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

Segundo, além do genocídio judeu na Europa, outros crimes de guerra foram cometidos em nome da superioridade racial, como os perpetrados pelos japoneses na China, por exemplo.

Muitas ações durante a Segunda Guerra Mundial não tinham qualquer relação com objetivos militares. Por exemplo, as ferrovias para a Frente Oriental, que deveriam ter prioridade para transportar armas, munições, alimentos e roupas para o exército alemão invasor na Rússia, eram frequentemente usadas para transportar judeus para campos de extermínio – sem lógica militar, apenas a lógica da guerra racial. Por isso, acredito que precisamos entender mais sobre isso.

Posso recomendar um livro que contribui nesse sentido: Christopher Browning, *Ordinary Men: Reserve Police Battalion 101 and the Final Solution in Poland* (*Homens Comuns: Batalhão de Polícia da Reserva 101 e a Solução Final na Polônia*, publicado no Brasil pela Vide Editorial, em 2023). Nele, Browning examina, documento por documento, um batalhão do exército alemão e pergunta como uma unidade dessas foi formada. Esse batalhão era composto por homens de meia-idade, em sua maioria casados e com

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

filhos – eram homens comuns: pedreiros, motoristas de táxi, carpinteiros, encanadores, pequenos comerciantes etc. Um dia, receberam a ordem de executar toda a população judaica de uma aldeia – mais de mil pessoas. O comandante deu-lhes a opção de não participar do massacre: “Quem não quiser participar, dê um passo à frente.” Pouquíssimos deram este passo. Assim, o batalhão foi até a aldeia e executou todos os judeus. Vários soldados se sentiram mal ao fazê-lo, mas nos dias seguintes cumpriram ordens semelhantes e, gradualmente, acostumaram-se a matar pessoas desarmadas. No total, mataram ao menos 38 mil judeus até o fim da guerra.

Browning pergunta: por que esses homens comuns mataram sem remorso, tornando o ato algo natural? Esse é o tipo de questão que vale a pena estudar. Por isso, para mim, os atos de extermínio nessa guerra devem ser tratados com mais profundidade do que o fazem as obras gerais. E é importante enfatizar que o genocídio não ocorreu apenas nas ações da Alemanha contra os judeus, mas também nas atrocidades genocidas do Japão contra o povo chinês e em outros locais, como nos Bálcãs.

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

O que o motivou a escrever *Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*?

Quais novos entendimentos ou argumentos o senhor pretendia transmitir com esse livro?

Francisco César Alves Ferraz: Este livro procura apresentar o Brasil na Segunda Guerra Mundial. Houve três formas principais de participação dos brasileiros nesse conflito.

A primeira, em ordem cronológica, foi por meio da produção brasileira que abasteceu as forças aliadas com matérias-primas para a indústria bélica norte-americana e materiais estratégicos úteis ao esforço de guerra – por exemplo, cristais de quartzo, indispensáveis para a comunicação por rádio, e borracha.

A borracha é uma história muito interessante, porque ela vem de uma árvore brasileira – a *Hevea brasiliensis*, uma árvore amazônica. Originalmente, ela existia apenas na floresta amazônica. Mas os ingleses conseguiram sementes e algumas mudas, e as plantaram na Malásia e em Cingapura, entre 1890 e 1910. Conseguiram produzir lá a *Hevea brasiliensis*, e o Brasil perdeu o mercado mundial da borracha para a Inglaterra, com

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

suas plantações no sudeste asiático.

Durante a Segunda Guerra Mundial, entretanto, essas regiões foram ocupadas pelas forças japonesas, e os Aliados precisavam desesperadamente de borracha. Assim, a produção voltou a ser prioridade no Brasil. Os Estados Unidos financiaram e organizaram essa produção, tornando-a possível. Cerca de 50 mil trabalhadores rurais das regiões áridas do Nordeste foram enviados para a floresta amazônica para extrair borracha – mas eles estavam totalmente despreparados. Estima-se que metade deles morreu devido a doenças tropicais, ataques de animais e à violência das relações de trabalho, marcadas por uma quase escravidão por dívida. Mesmo assim, a borracha foi produzida e atendeu a quase 50% das necessidades dos EUA durante a guerra.

A segunda forma foi a cooperação militar, por meio da cessão de bases aéreas às forças armadas dos EUA. A costa mais oriental do Brasil é o ponto mais próximo da África – hoje são apenas 3 horas de voo a jato, e cerca de 9 horas de voo com hélices na época. Com o bloqueio do Mar Mediterrâneo, o Atlântico Sul tornou-se a rota principal de suprimentos sul-americanos

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

para os Aliados na Europa e, obviamente, para os EUA.

Mais ao norte da América do Sul estava o Canal do Panamá, que conecta os oceanos Atlântico e Pacífico. Para os Estados Unidos, era essencial mantê-lo sob controle, pois, se os nazistas ou simpatizantes tivessem sucesso no Brasil, o próximo passo seria atacar o canal. Por isso, bases aéreas conjuntas EUA–Brasil foram construídas em Belém, Fortaleza, Natal e outros locais. Em 1943, o Aeroporto de Natal chegou a ser o mais movimentado do mundo, com cerca de 800 decolagens e pousos por dia. Os suprimentos eram transportados primeiro para a África e, de lá, enviados à Europa para apoiar as operações aliadas. É importante ressaltar que as negociações para instalação das bases foram um dos momentos mais difíceis das relações entre Brasil e EUA durante a guerra. Os americanos queriam ocupar as bases com seus soldados, armas e equipamentos, mas o governo e os militares brasileiros consideravam isso uma afronta à soberania nacional. Ao invés de permitir tropas estrangeiras em seu território, os brasileiros pediam armas e equipamentos para defenderem, autonomamente, os pontos estratégicos dos Aliados no norte e nordeste do

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

país. Após muitas negociações diplomáticas e militares entre os dois países, os EUA iniciaram o fornecimento de armas e equipamentos para a defesa brasileira da região. No entanto, em dezembro de 1941, a base naval americana de Pearl Harbor foi atacada, os EUA entraram definitivamente na guerra, e a urgência da defesa hemisférica mudou tudo: nas semanas seguintes começaram a desembarcar no nordeste e norte brasileiros tropas americanas para o pleno funcionamento das bases aéreas e navais.

A terceira forma de participação foi o envolvimento direto na guerra. Submarinos alemães patrulhavam o Atlântico ocidental, afundando navios americanos e de outras nações aliadas. Alguns submarinos afundaram navios mercantes brasileiros na própria costa do país – e o Brasil, então, declarou guerra à Alemanha.

É importante lembrar que o Brasil da época estava muito longe de ser o país que é hoje: nos anos 1940, quase metade da população era analfabeta, e a pobreza era generalizada. Mesmo assim, com o apoio dos EUA, o Brasil enviou uma Divisão de Exército para a campanha na Itália, lutando ao lado de milhões de soldados aliados.

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

É curioso que, quando o governo brasileiro decidiu enviar tropas para combater as forças do Eixo, a situação interna era tão precária que muitos diziam que isso nunca aconteceria, que o Brasil não conseguiria. Simpatizantes do Eixo espalharam até um boato de que Hitler teria dito: “É mais fácil uma cobra fumar um cachimbo do que o Brasil mandar alguém lutar contra a Alemanha”. Essa frase nunca foi dita por Hitler, mas o rumor se espalhou tanto no Brasil que o Exército Brasileiro adotou o símbolo da “cobra fumando” em seu uniforme. Esse emblema ainda existe hoje – a cobra fumando um cachimbo é vista no distintivo da Força Expedicionária Brasileira (FEB). O próprio Walt Disney, que participava das políticas de “Boa Vizinhança” dos EUA no Brasil, chegou a desenhar uma versão da cobra fumando para os brasileiros, mas o Exército preferiu uma versão mais tradicional.

O que é ainda mais notável é que as tropas brasileiras realmente representavam “a nação inteira na guerra”: brancos, mestiços, descendentes de imigrantes italianos, alemães e japoneses, além de indígenas, lutaram lado a lado, sem segregação racial. Isso contrastava

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

com o exército americano, onde, embora sua 92ª Divisão de Exército fosse composta por soldados negros, todos os oficiais eram brancos e as tropas eram rigidamente segregadas.

Houve casos em que soldados brancos brasileiros obedeciam às ordens de cabos ou sargentos negros, o que levou militares americanos a exclamar que “os brancos estavam sendo comandados por negros” – o que se tornou objeto de curiosidade naquele front. É claro que o Exército Brasileiro, assim como a sociedade brasileira, não estavam livres do racismo, mas, diferentemente dos EUA ou das tropas coloniais britânicas, a discriminação não era institucionalizada – as incidências eventuais de racismo eram atos individuais, não uma política de segregação oficial.

A FEB combateu as forças alemãs na Campanha da Itália, entre setembro de 1944 e abril de 1945. O treinamento deficiente no período pré-embarque, no Brasil, foi superado na prática pela aprendizagem de combate no próprio Teatro de Operações. O desempenho das tropas brasileiras foi muito bom, equivalente ao das melhores unidades aliadas na região da Toscana, onde a FEB combateu. Quando a guerra terminou na

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

Europa, a FEB foi desmobilizada e os expedicionários, agora transformados em ex-combatentes, tiveram de enfrentar as dificuldades da reintegração à vida em tempos de paz. Foi um tempo difícil para os veteranos de guerra brasileiros.

O senhor já estava familiarizado com a história da Guerra de Resistência da China contra a Agressão Japonesa?

Francisco César Alves Ferraz: Para mim, este convite para vir aqui foi uma espécie de revelação. Confesso que eu também estava demasiado ocidentalizado, e minha perspectiva nunca compreendeu de fato a guerra que ocorreu na China. Desde que recebi o convite para participar deste simpósio, aprendi muito sobre o papel da China na Segunda Guerra Mundial – e estou ansioso para entender mais sobre essa participação chinesa. Preciso reconhecer que nós sabemos muito pouco sobre isso.

Como evoluiu a percepção do esforço de guerra da China no discurso acadêmico e público do seu país?

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

Francisco César Alves Ferraz: Como eu disse, no meu país há uma enorme lacuna de conhecimento sobre a Segunda Guerra Mundial na Ásia, especialmente em relação à China. Quero, quando retornar, escrever algo sobre essa falta de conhecimento acerca das contribuições extremamente importantes e decisivas da China nessa guerra.

Devemos lembrar que o Japão precisava manter um milhão de soldados estacionados na China todos os anos, o que significou um total de três a quatro milhões de soldados até o final da guerra. Esses milhões de soldados não puderam lutar contra os americanos no Pacífico, porque estavam engajados no território chinês. A guerra não foi vencida apenas no Pacífico – na Ásia, ela não foi vencida apenas pelos Estados Unidos, mas com a participação fundamental da China.

Apesar dos problemas entre os dois exércitos chineses que lutavam contra o Japão (o exército regular, do governo nacionalista de Chiang Kai-Shek e as forças comunistas de Mao Tsé Tung) e da guerra civil subsequente, isso não pode ser esquecido. Precisamos aprender muito mais sobre a participação chinesa.

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

Quais têm sido as principais influências sobre essa percepção?

Francisco César Alves Ferraz: Algumas influências são mais evidentes. Uma delas é o viés eurocêntrico, que por muito tempo moldou a historiografia da Segunda Guerra Mundial, colocando a Europa e o Atlântico Norte no centro e minimizando a frente russa e a Ásia. Esse viés é inaceitável, porque foram nesses teatros de operações que ocorreram mais da metade das mortes de toda a guerra, lamentadas por soviéticos e chineses. O conflito sino-japonês consumiu enormes recursos do Japão e causou entre 14 e 20 milhões de mortes, mas ainda assim é tratado como algo secundário.

Outra influência é a da Guerra Fria. A China foi um dos membros fundadores das Nações Unidas, e deveria ocupar um papel central na narrativa histórica, mas foi frequentemente ofuscada pelas narrativas ocidentais. Enquanto na China as vitórias revolucionárias moldaram a história oficial da guerra, no Ocidente – durante a Guerra Fria – os estudiosos minimizaram a resistência chinesa, para sustentar uma narrativa liderada pelos Estados Unidos sobre a Guerra do Pacífico. Esse

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

silêncio não foi acidental: reconhecer o papel da China destacaria o triunfo comunista na nação mais populosa do mundo.

Também é possível que a pesquisa ocidental sobre o papel da China na guerra tenha sido dificultada por barreiras linguísticas e acesso limitado aos arquivos até as décadas de 1980 e 1990. Isso é lamentável, pois existe um vasto conjunto de fontes documentais e de bibliografia que merecem ser consultadas e estudadas.

Como o senhor vê o significado histórico da resistência da China no contexto mais amplo da história mundial?

Francisco César Alves Ferraz: Retomando o que disse antes, acredito que a guerra entre o Japão e a China precisa ser estudada com profundidade. Mas há também certas ações japonesas durante a guerra que não devem apenas ser estudadas, mas reconhecidas pelos próprios japoneses. Anos atrás, li em um jornal que o então prefeito de Osaka, Toru Hashimoto, negou o caráter criminoso da instituição das “mulheres de conforto”. Podemos ver que essas tentativas de negacionismo estão relacionadas a atividades

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

políticas de extrema direita – não apenas no Japão, mas também na internet e até no Brasil e em toda a América do Sul, onde surgem novas vozes negacionistas do Holocausto e dos crimes de guerra, o que é preocupante.

Ainda há muitas vozes na academia ocidental que tendem a ignorar a Guerra de Resistência da China?

Francisco César Alves Ferraz: Sim. Como mencionei na pergunta anterior, acredito que nós, historiadores ocidentais, devemos reconsiderar nossa perspectiva. Há vários aspectos da guerra chinesa que precisamos compreender com mais profundidade.

Na China, usa-se a expressão “Guerra Mundial Antifascista” para descrever o conflito global, dentro do qual a “Guerra de Resistência contra a Agressão Japonesa” não apenas está integrada, mas é considerada o seu ponto de partida.

Ao enfatizar a resistência à agressão japonesa, a China se coloca como um agente ativo, e não passivo, na história. Isso é muito significativo: a China

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

não se apresenta apenas como uma nação que venceu, mas como uma protagonista. O povo chinês lutou incansavelmente contra a agressão japonesa. Na defesa de seu território, não recebeu apoio direto de tropas americanas ou britânicas; teve de resistir praticamente sozinho às forças japonesas.

Gostaria ainda de acrescentar que destacar o caráter antifascista da guerra tem um significado político muito importante hoje. Isso é especialmente relevante em nosso tempo, quando ideias e práticas fascistas voltam a emergir – seja em movimentos sociais de extrema direita, seja até dentro de Estados nacionais. Tais tendências ameaçam minar as instituições políticas globais que foram construídas a um custo imenso durante os anos de guerra, de 1931 a 1953.

Atualmente, os estudiosos chineses não são muito ouvidos nas discussões internacionais. Em quais áreas o senhor gostaria mais de ouvir as vozes chinesas? E, em sua opinião, como pode ser fortalecida a colaboração entre estudiosos ocidentais e chineses da Segunda Guerra

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

Mundial?

Francisco César Alves Ferraz: Acredito que é cada vez mais necessário mostrar a perspectiva histórica chinesa. Há muito que o Ocidente precisa aprender.

Na historiografia da guerra, estamos acostumados a pensar que os grandes momentos do conflito foram aqueles protagonizados pelo Ocidente – como o Dia D, Stalingrado ou Midway. Mas, a longo prazo, precisamos perceber essa guerra de forma muito mais complexa, com todas as suas interdependências.

Quanto à colaboração, penso que devemos ler mais os pesquisadores orientais. Precisamos aprender mais sobre esses cenários de guerra, sobre tipos de conflito que raramente consideramos com a atenção que merecem.

Qual é, na sua opinião, a importância da pesquisa internacional sobre a Segunda Guerra Mundial?

Francisco César Alves Ferraz: Este é provavelmente um dos eventos mais

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

importantes do século, porque se espalhou por todo o mundo. Eu o comparo à Revolução Francesa ou à Revolução Bolchevique, pois seu impacto não se limitou a um único país, mas se estendeu em diversas partes do globo.

No caso da Segunda Guerra Mundial, houve várias guerras regionais interligadas. Em 1931, começou o conflito entre japoneses e chineses; até 1937, houve uma corrida armamentista entre várias potências mundiais. Entre 1936 e 1939, ocorreu a Guerra Civil Espanhola e outras guerras regionais em diferentes lugares. Em 1939, as guerras regionais explodiram na Europa, e em 1941, o conflito se tornou global.

Mas, para compreendê-lo plenamente, precisamos entender o papel dos Estados Unidos, pois, embora o país ainda não estivesse em guerra em 1940, já se preparava para ela. O mesmo acontecia com as colônias europeias, como as holandesas, francesas e britânicas no Sudeste Asiático. Por isso, para mim, entender a Segunda Guerra Mundial como um conflito total, interdependente e efetivamente global, é absolutamente fundamental.

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

Ao escrever histórias globais da Segunda Guerra Mundial, quais são, na sua opinião, os principais desafios ou prioridades?

Francisco César Alves Ferraz: Prioridades? Em uma frase: focar e aprofundar áreas negligenciadas. Precisamos realmente recolocar em perspectiva temas pouco estudados até agora – como as múltiplas dimensões da Guerra de Resistência da China contra a Agressão Japonesa, as guerras civis fora da China, como as da Grécia e da antiga Iugoslávia, e as guerras de resistência além da Resistência Francesa, incluindo o Exército Vermelho Chinês e o Kuomintang, entre outros. Esses conflitos estavam interconectados, e suas diversas memórias precisam ser estudadas.

Nos eventos acadêmicos recentes sobre a Segunda Guerra Mundial, tanto no Brasil quanto no exterior, é visível a variedade de temas e abordagens disponíveis para estudo. Essas novas perspectivas enriquecem nosso conhecimento e devem ser apresentadas e debatidas em publicações e eventos de caráter cada vez mais internacional.

Em tempos de incerteza global, qual é o significado dos estudos sobre a

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

Segunda Guerra Mundial para o mundo atual?

Francisco César Alves Ferraz: Vivemos em um mundo moldado pela Segunda Guerra Mundial. Até mesmo a Guerra Fria surgiu como uma de suas consequências. Quando tratamos, por exemplo, do conflito entre Israel e Palestina, é preciso lembrar que as tensões entre palestinos e colonos judeus se construíram a partir de problemas havidos antes, durante e depois da Segunda Guerra Mundial. O mesmo ocorre com russos e ucranianos. As contradições não resolvidas do pós-guerra ainda eclodem hoje.

Poderia compartilhar seus planos de pesquisa futuros?

Francisco César Alves Ferraz: Sim, estou pesquisando o papel desempenhado pelos profissionais de ciências humanas dos Estados Unidos durante a guerra. É um fenômeno muito interessante: historiadores, cientistas sociais, cientistas políticos, antropólogos, economistas e geógrafos – todos usaram suas habilidades para apoiar as forças aliadas, não só nos Estados Unidos, mas também na Inglaterra.

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

Mesmo depois do fim da guerra, esses profissionais – que não eram combatentes – continuaram usando seus conhecimentos para compreender o inimigo e os aliados. Por exemplo, em um estudo de minha orientanda de doutorado em História, Anailza Guimarães Costa, estamos pesquisando a confecção de manuais de comportamento dos soldados. Quando tropas americanas foram enviadas à Grã-Bretanha, pensava-se: “Estamos treinando na Inglaterra, vamos atravessar o Canal, mas precisamos conviver com os britânicos por um tempo”; “vamos invadir a França. Como devemos lidar com os franceses, de forma a obter seu apoio, e não sua resistência?”. O problema é que centenas de milhares de soldados precisavam saber como se comportar para não gerar conflitos. Então, foram elaborados manuais de convivência: *“Vocês vão ocupar um país amigo – precisam conhecer o povo francês. Se se relacionarem bem com eles, não serão traídos nem atacados; vocês fazem parte do Exército dos Estados Unidos.”* E esses manuais não foram feitos por amadores, mas por profissionais que estudaram a França, a Alemanha etc. Havia também um manual sobre o Exército Vermelho, preparado para orientar o encontro

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

entre as tropas americanas e soviéticas. O mesmo ocorreu em relação aos inimigos. Era preciso conhecê-los bem, para combatê-los melhor.

Outra função desses pesquisadores era entender problemas dentro dos Estados Unidos que pudessem afetar o esforço de guerra nacional. Você sabia que a delinquência juvenil aumentou drasticamente durante a guerra? Foi um problema sério. Sociólogos e antropólogos estudaram suas causas e procuraram soluções. Descobriram que, como as mulheres estavam trabalhando e substituindo os homens mobilizados para a guerra, muitos adolescentes ficavam sozinhos e começaram a causar problemas. No entanto, a causa não era o trabalho feminino em si – as taxas de delinquência já vinham crescendo antes da guerra por causa da urbanização descontrolada e da falta de políticas para a juventude. Assim, foram criados centros de atividades juvenis – esportes, treinamentos, programas sociais – para manter os jovens ocupados e longe do crime. E funcionou.

O mesmo aconteceu com as questões raciais: durante a guerra, houve vários motins envolvendo trabalhadores afro-americanos segregados na

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

indústria bélica. Sociólogos argumentaram que isso precisava parar, e foi um ponto de virada. Surgiram propostas de políticas de integração racial, ainda que com resultados limitados. Roosevelt sancionou a Ordem Executiva 8802, de 1941, que proibiu a discriminação racial nas indústrias de guerra. Mesmo sem acabar com a segregação, essa experiência de guerra ajudou a lançar algumas bases do movimento dos direitos civis uma década depois.

Por fim, a preparação para a desmobilização econômica e de pessoal das forças armadas do país foi estudada e discutida pelos profissionais de ciências humanas, ao lado de empresários, políticos e representantes das associações de veteranos. O resultado foi a legislação mais compreensiva para a reintegração social e profissional dos veteranos de guerra da história do país.

Você assistiu ao filme *Caçadores de Obras-Primas* (*The Monuments Men*)? Ele é baseado em fatos reais: o Exército dos EUA criou uma unidade especial para proteger obras de arte e monumentos. Sempre que os nazistas invadiam um local, saqueavam seus tesouros — obras de Rafael,

NARRATIVAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA DE RESISTÊNCIA DA CHINA
CONTRA A AGRESSÃO JAPONESA SOB UMA PERSPECTIVA GLOBAL – ENTREVISTA COM
FRANCISCO FERRAZ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA): “ENFOCANDO E
APROFUNDANDO ÁREAS NEGLIGENCIADAS”¹

ZHANG SHIWEI

YUAN QI

ZHI MIN

Monet, Picasso, Rodin e outros mestres estavam em perigo e, portanto, precisavam ser resgatadas da pilhagem nazista.

Vários professores de arte organizaram então uma unidade especial para buscar e recuperar essas obras. A boa notícia é que conseguiram recuperar a maioria das obras; a má notícia é que, como espólios de guerra, muitas peças nunca foram devolvidas à Europa e acabaram em museus americanos. É por temas como esses que estudo o papel dos cientistas sociais americanos durante a guerra.